

A nossa história de Amor

Respirava-se em pleno a segunda metade do séc. XX. Último quarto do século, 1978 - o ano em que nascia o primeiro bebé proveta; o ano em que partiam para o Pai dois Papas; o ano em que era lançado o filme Encontros Imediatos do Terceiro Grau e se vivia a onda da música de discoteca. Nos espaços rurais os jovens divertiam-se em arraiais onde se conheciam, conviviam, e nas palavras cruzadas da interação amizades serenas e paixões intensas nasciam.

Setembro estava já no fim, festejava-se na aldeia o padroeiro – S. Miguel. Era já outono, mas os raios de sol brincavam e aqueciam teimando o verão meteorologicamente partir. Grupos de jovens divertiam-se no centro da aldeia, em frente a um palco montado e enfeitado por mãos calejadas de gente que vivia uma fé devota ao padroeiro. Um som ensurdecador de música ligeira portuguesa, mesclada de onde a onde com o romantismo de Roberto Carlos, que os adolescentes no autismo próprio da sua intelectualidade, faziam questão de ignorar com as suas estridentes e sonoras gargalhadas. Num desses grupos estava a protagonista desta história, bela na inquietude de uma adolescência irrequieta e buliçosa.

Ao virar da curva surgia outro grupo de jovens rapazes, audazes e felizes. E nesse grupo, mais alto que todos os outros, lindo na desarmonia de um crescimento rápido, chegava o outro protagonista desta história.

Ela herdara o nome da avó paterna, Adelaide.

Ele, batizaram-no de Paulo.

Os olhares cruzaram-se de forma intensa. Ele abeirou-se dela e dirigiu-lhe palavras sedutoras num espanhol/portunhol. Ela, achou-o convencido, detestou a forma de abordagem e mandou-o dar uma voltinha. Ele não desarmou e rodou sobre ele próprio, várias vezes, sempre a sorrir e sempre a fixar o olhar no dela. Fez-se silêncio nos dois grupos, os amigos de ambos perceberam imediatamente que estavam a presenciar um momento único. Foram segundos, talvez minutos de indecisão, teimosa ela ficou-se ao mutismo e ignorou-o. Mas o seu coração batia fortemente. No seu grupo de amigos alguns cortejavam-na, e fazendo-se desentendida, sentia o ego crescer, todavia, nunca ninguém tinha feito o seu coração bater assim. Quem era aquele desengonçado, convencido que vinha não sabia de onde e achava que podia com algumas graçolas entrar no seu coração?

Ele pensou, aqui está uma jovem diferente, com a mania que é difícil e que vai dar-me luta, mas com quem vou casar. Sem saber onde ela morava, um sexto sentido, que não é só feminino, fazia-o acreditar que era por ali. Começou então um novo capítulo, descobrir onde encontrá-la, e nos tempos livres, montava-se na sua Boss e percorria as ruas da aldeia. Persistente, uma qualidade que nasceu com ele.

Ela sabia que ele rondava diariamente a sua casa e escondia-se atrás dos enormes arbustos que protegiam a vivenda, sentindo o coração bater mais forte sempre que escutava o barulho típico do motor da motorizada.

Três meses depois, num outro arraial de uma aldeia vizinha voltaram a encontrar-se, e frente a frente, ela já não resistiu e deixou-se levar por uma conversa de descoberta. Nunca mais se separaram, e em abril quando festejou os seus 15 anos ele já era um dos

convidados. Dançaram juntos pela primeira vez, na sala da casa dela com os olhares avaliadores dos pais, dos irmãos e dos familiares e amigos que lá estavam.

Foram anos e anos de crescimento e amadurecimento. Onze anos e meio de rosas e danos. Foram sonhos, foram cursos, foram desejos e rumos. Fixação de corpos, silêncios longos e doces. Feixes invisíveis de luz tornando-os pilares e a mão divina, sempre ali, embrião de um amor precoce, que se tornou adulto e preparou o caminho para um casamento sólido.

E no mês do Natal envoltos num compromisso de amor disseram o Sim, com a fé e a esperança de que a felicidade fosse o fim.

Voaram à Ilha dos Amores e por lá passaram uma lua de mel entre a serenidade da natureza e a beleza do amor.

Voltaram à realidade e o viver a dois sob o mesmo teto, o partilhar o mesmo espaço, os hábitos de um e de outro, as diferenças educacionais, os pequenos pormenores individuais, que no namoro eram giros e fáceis de digerir, começaram a criar divergências. Nova descoberta, viver a dois não era nada idêntico ao namorar, não era fácil, foram necessários ajustes, reajustes, apostaram em ultrapassar barreiras e responsáveis, cheios de fé, deram a volta de forma hábil. Não houve cedências, houve adaptações.

Veio o primeiro filho, tão desejado e amado. A beleza da criança contrastava com a sua fragilidade. Foram rodopios de relógios ininterruptos sem dormir, noites no hospital em aflição. Tanto cansaço, tanta angústia, mas o fruto do amor estava ali, crescendo em reta paralela ao amadurecimento da relação.

Quase cinco anos depois chegou o segundo rebento, a menina que faltava para completar a família nuclear que sonharam.

Dois filhos, duas carreiras profissionais a gerir, a construção do lar desejado e a viagem a fazer-se degrau a degrau como se a vida fosse a subida de uma enorme escada. Quantas vezes retrocederam, para mais tarde voltarem a avançar. Mas o caminho da vida não se compadecia com os mergulhos na piscina de afetos dos que mais amavam. Se eram pilares daquilo que acreditavam ser um amor verdadeiro, seria demasiado egoísta viverem num circuito fechado. Queriam ser janela aberta ao mundo e, desafiados por outros casais que partilhavam os mesmos valores, entregaram-se em partilhas de testemunhos sinceros, onde refletiam nas palavras e nas ações que não sendo um casal perfeito, lutavam continuamente para serem felizes, sempre cientes que a felicidade são momentos, e que esses processos precedem muitas vezes tempos de muita dor. E foram esses momentos de dor que os uniram, que os engradeceram, que os fortaleceram enquanto casal. Nunca se sentiram abandonados pelo Pai e nunca abandonaram a sua fé. Viveram um dia um FDS de Encontro Matrimonial. Já viviam em diálogo, ternura e oração. Já colocavam em papel tantos dos seus sentimentos. O FDS não os mudou. O FDS enriqueceu-os na medida em que se sentiram mais pertença numa comunidade que não sendo perfeita, permitiu fazê-los crescer e discernir que podem ser sinal, porque mais uma vez, tudo só faria sentido se a felicidade fosse um fim.

Trinta anos depois do Sim, neste percurso de quarenta e dois anos de amor e ternura, os filhos cresceram, abriram asas, tornaram-se adultos. Prestes a partirem para as suas próprias primaveras.

Eles envelheceram, os cabelos fartos do Paulo espalharam-se ao vento, os cabelos longos da Adelaide branquearam. Ganharam peso, a pele deixou de ter a suavidade da juventude. Continuam a deitar-se lado a lado, abraçados em concha, sem a sofreguidão da paixão genital, mas com a serenidade de uma sexualidade amorosa. Há nos silêncios da noite toda a compreensão de uma vida e um amor intenso, tão intenso, que se permitem sonhar serem um casal sinal.

Amanhã, só o Pai saberá como terminará esta história de amor. Permitam-lhes continuar a sonhar, que a força nunca os abandonará nos desassossegos da vida, e já velhinhos, muito velhinhos, quando um partir e o outro ficar, possa olhar o mar e ver na linha do horizonte o rosto do que partiu, sorrindo e gritando: Amo-te, estou aqui à tua espera!

Adelaide + Paulo Sá Marques

38°FDS/N